

**REVOLTA DOS MALÊS
UM LEVANTE ISLÂMICO NO BRASIL DO SÉC. XIX**

Alexandre José Vieira Machado Pereira¹

Resumo: Este artigo pretende trazer uma contribuição para a discussão sobre a Revolta dos Malês, através de uma análise histórica das diferentes formas de fontes. Podendo elas serem relatos publicados, orais, documentais a livros da atualidade publicados.

Palavras-chave: Escravidão, Malês, História

Abstract: This article intends to bring a contribution to the discussion about the uprising of Malês through a historical analysis of the different types of sources. Being able they are published reports, oral, documentary of the books published today.

Key words: Slave, Malês, History

Introdução

O presente estudo surgiu a princípio com a finalidade de tentar esclarecer a estudantes não só do ensino fundamental e médio, como também do meio acadêmico, escrever sobre a escravidão é algo totalmente novo em meu histórico acadêmico, já que em meus textos iniciais desde graduando, sempre foram relacionados ao Islã medieval, sendo assim, iniciei minhas pesquisas em trabalhos indicados por minha orientadora na Pós-Graduação e deparei-me com um novo ambiente a ser descoberto.

¹ Aluno do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em História do Brasil – Sociedade, Política e Cultura pela Universidade Salgado de Oliveira – Niterói-RJ. Graduado em História pela Universidade Salgado de Oliveira.

E quando decidi que essa pesquisa seria sobre os Malês, por serem muçulmanos, o que achei de extrema importância para que pudesse continuar em minha linha de pesquisa e ainda por cima, escrever de algo islâmico no Brasil. Notei forte dificuldade em achar material inédito ou forma de abordagem sobre o tema inédita, já que está muito enfoque no momento o fator escravidão. Sendo assim achei um problema, a forma escrita de uma monografia do início do século XX, cheia de pré-conceitos, e achei por melhor analisá-la junto de um trabalho atual, e verificar que ambos tem crédito no mundo acadêmico, independente de suas épocas e valores de sociedade.

A Revolta

A contar de pesquisas sobre fontes iconográficas (Debret e Rugendas), pude inicializar um trabalho de certa forma mantendo a minha linha de pesquisa de graduação, que foi baseada na religião muçulmana.

Partindo deste princípio, ou seja, tendo algo ao meu ver interessante no cenário Brasil Séc. XIX, comecei a recortar o que seria de fato meu objeto de pesquisa, já que pude constatar por diversas fontes que o tema em questão já não mais era inédito, mas sim que, faltava e faltam ainda alguns pontos a serem esclarecidos ou desmistificados se falando de escravidão muçulmana. Mas durante todo o período de procura de fontes e a leitura das mesmas, pude verificar que existiam duas vertentes dentro do meu objeto a ser pesquisado, que seriam o universo Rio de Janeiro e o universo Salvador. Achei por melhor explorar uma fonte achada no IHGB, na cidade do Rio de Janeiro.

Esse texto em questão trata-se de uma monografia do Padre Etienne Ignace, sobre a Revolta dos Malês, esse trabalho foi o primeiro publicado sobre o assunto em 1907 pelo IHGB da Bahia, e analisando este documento pude de fato esclarecer alguns pontos já vistos em trabalhos atuais como o livro *Rebelião Escrava no Brasil*, de João José dos Reis, que também utiliza o texto de Etienne Ignace como uma de suas bibliografias.

Sendo assim utilizando essas duas fontes como material principal de pesquisa iniciei o processo de comparação, não só de escrita, mas fui de encontro as formas de visão dos dois autores em questão, fazendo levar-se em conta as realidades distintas dos períodos vividos por ambos. O texto de Ignace relata toda a fase, não se tem certeza se no momento da Revolta ele

estava em Salvador, mas, como professor do Seminário Arquiepiscopal da Bahia ele teve livre acesso as fontes não só da Igreja como também a ajuda necessária para realizar sua pesquisa junto a jornais da época e arquivos públicos em geral, publicando inicialmente no exterior e posteriormente traduzindo do francês para o português com publicação em 1907 na revista do IHGB da Bahia. Já o Prof. João José dos Reis, historiador, trabalhou toda sua pesquisa para o livro *Rebelião Escrava no Brasil* baseando-se em vários livros e mencionando o texto de Ignace em alguns momentos, o livro de Reis demonstra uma visão sobre o evento de forma mais branda, e preenche algumas lacunas deixadas por Ignace, originadas por vários motivos, dentre eles o fato de não ser um historiador, metodologia de pesquisa ultrapassada entre outras.

Mas antes de pesquisar sobre revolta ou escravidão em Salvador, deparei a necessidade de pesquisar a escravidão na África, suas formas de escravidão e como se dava a escravidão islâmica, e pude constatar que para os muçulmanos a escravidão teve todo um viés de que, a necessidade e procura de escravo era de acordo com sua força de expansão no território africano assim como sua ida para a Península Ibérica, e que também o escravo capturado por muçulmanos tinha um tratamento diferenciado do escravo tribal africano assim como do escravo comercializado para a Europa e para as Américas.

O senhor de escravos muçulmano segundo o historiador Paul Lovejoy, em seu livro *A escravidão na África*, tinha a obrigação de se tornar um tutor religioso de seus escravos, doutrinar de fato e fazer com que eles se tornassem muçulmanos, ou no mínimo pudessem participar de seus ritos diários. Os homens escravos tinham uma função, assim como as mulheres e as crianças, as mulheres tinham a peculiaridade de quando bonitas normalmente se tornavam concubinas e viviam geralmente em haréns, quando porventura davam a luz poderiam ganhar a liberdade se o seu senhor permitisse, e seu filho nascia liberto, e também quando seu senhor viesse a falecer elas também quando concubinas ganhavam a liberdade, valendo salientar que mesmo livres na sociedade elas nunca ocupariam essa posição social, sempre estariam no limiar entre concubinas e libertas. Já os homens quando fortes para o trabalho braçal assim eram utilizados, quando menores faziam tarefas internas e eram transformados em eunucos.

Mas algo de interessante é colocado em questionamento, nesse período era proibido comercializar escravos muçulmanos para outros que não fossem muçulmanos e mais! Não era e nunca foi permitido pelo livro sagrado muçulmano, o Alcorão, a escravidão de um muçulmano. Partindo desse princípio como foi de fato mantida essa escravidão uma vez que os escravos eram

iniciados na religião e como foram vendidos escravos muçulmanos para o Brasil? Esses e outros questionamentos vão surgindo cada vez que se depara com uma nova fonte de pesquisa, e até o momento não consegui achar ainda resposta para essas duas perguntas, mas, me faço ainda de acordo com a segunda colocação feita neste parágrafo, pois os escravos que vieram parar em Salvador e que iniciara a Rebelião eram muçulmanos, sabiam ler e escrever em árabe, o que me leva a crer que não eram escravos em sua terra natal e que foram possivelmente escravizados por traficantes europeus (portugueses ou espanhóis), fugindo da idéia de que foram escravizados por outras tribos e comercializados por escambo com os portugueses, já que pela costa africana o predomínio no período em questão já não era mais tão intenso por muçulmanos, mas sim pelo domínio português desde 1490 em suas viagens de demarcação do litoral atlântico africano na busca pela rota de comércio com as Índias.

Voltando a realidade de Brasil, de Salvador e de 1835, ao deparar-me com o texto de Ignace, tenho nitidamente a visão de um Europeu, cristão, cheio de pré-conceitos acerca dos africanos, que coloca em seus estudos que os malês graças a força da polícia não conseguiram por em prática seus planos diabólicos e efetivar a carnificina programada.

Pude constatar também em estudos feitos nos anos 60 pelo Prof. Pierre Verger, em seu livro, Fluxo e Refluxo – Do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos – Dos Séc XVII a XIX, que antes do levante acontecido em 1835, tido como o mais importante, houveram muitos outros, na realidade um total de 10 revoltas, todas elas na província da Bahia, e ainda com a peculiaridade de sempre haver escravos islamizados participando de todas elas. Já no livro Os quilombos e a rebelião negra, de Clóvis Moura constata-se também uma visão do evento como única, esquecendo-se em parte dos estudos feitos por Verger.

Já nos textos atuais, não só de Reis, como de Nei Lopes, pude constatar uma realidade bem mais consistente, não duvidando dos dados fornecidos por Ignace que foram e são de suma importância para quem inicia suas pesquisas sobre a revolta, mas que, sua visão era a de um europeu, padre e com forte tendência a escrita jornalística, ou seja, seu texto se tornou histórico pela sua narrativa dos fatos, mas não tão rico em detalhes como o de Reis, vejamos abaixo uma narrativa de Ignace.

“As sentinelas tinham já avisado da aproximação dos revoltosos, que acabavam de chegar aos Coqueiros; com efeito os bárbaros se aproximavam cada vez mais.”

Alguns minutos depois, 60 a 100 africanos armados de espadas, lanças e pistolas defrontavam com a última barreira que se opunha ao bom êxito da revolta. A luta foi então encamiçada e horrível. Rechaçados à bala, lançaram-se os malês furiosos e aterradores sobre o quartel.

A infantaria fazia fogo pelas janelas e a cavalaria circulava por fora.

Logo no primeiro combate, o capitão Francisco Teles Carvalhal, comandante da Cavalaria, foi ferido, sendo obrigado a retirar-se.

O Chefe de Polícia assumiu então o comando e os repeliu em Agua de Meninos .”(IGNACE,1907:129)

O que podemos detalhar de fato com esse fragmento do texto de Ignace é que, mesmo utilizando as fontes que quase 100 anos depois Reis veio a utilizar, todo seu texto, toda sua forma de passar a história adiante está cheia de fragmentos de sua época, fato normal que no cotidiano histórico tem como normalidade, cada autor escreve de acordo com sua época vivida, mas apenas o que deixa uma análise deturpada dos fatos, ou melhor, trata os revoltosos como animais, e em momento nenhum concebe ou deixa transparecer que, mesmo quando a monografia foi escrita, 18 anos após a abolição dos escravos no Brasil, o padre Etienne Ignace ainda permeava a forma de tratamento hostil dada aos escravos.

Após muitos anos de todos esses trabalhos publicados ainda surgem novas formas de abordagens desse tema, e se torna notório e bastante claro que na atualidade os livros didáticos usados em nossa rede de ensino público ou privada não dá importância a essa série de revoltas que aconteceram na Bahia no Séc. XIX, e ainda mais, isso não é um discurso novo, pois desde ao fim da ditadura nos anos 80, período o qual estudei no antigo primeiro grau e segundo grau, isso sequer foi visto em revoltas, escravidão, colônia ou império, a visão até na graduação é simplória, apenas um tópico.

Os estudos relativos a História da África, Brasil Colônia e Brasil Império nas graduações pouco conseguem atingir em relação a escravidão, tocam de forma muito superficial as teorias sobre o tráfico negreiro, o seu fim, as leis feitas no Brasil e fora dele, deixando de lado um estudo mais apropriado sobre o povo que foi traficada. Uma colocação de fato sobre as influências desses povos no momento de sua chegada ao Brasil, mas também como eles se misturaram a cultura local, como se deu tamanho sincretismo, e de onde eles vieram, não falar simplesmente que foi da África, mas sim, mostrar que na África também existia escravidão, que também havia tráfico interno, e como isso era escoado para o tráfico transatlântico, fazer com que o currículo

não só das academias abordem essas revoltas, mas que as escolas possam também mostrar um pouco mais sobre a escravidão no Brasil, que não se fique preso a idéia que os escravos no Brasil só serviam para os trabalhos em engenhos de açúcar.

Conclusão

Após esse apanhado de fontes e de poder comparar usando uma metodologia básica para a análise desses dois trabalhos, pude concluir que dadas suas experiências literárias e recursos para adquirir material necessário de pesquisa. As duas fontes em questão tem alto valor para o universo acadêmico, e que antes de mais nada, o historiador que necessitar dessas fontes tem de verificar e considerar quando foram produzidas e por quem, já que pode existir não só nesses materiais em questão, mas em tantos outros que as fontes podem ter certa relação com o fato, ou até mesmo se oporem e escrever de forma maliciosa sobre o evento, deixando assim um fato histórico mas descrito ou deturpado com juízo de valor.

Bibliografia:

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião negra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAZIL, Etienne Ignace. Os Malês . Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 72, nº2 (1907): 69-126

REIS, João José. Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835. São Paulo : Cia das Letras, 2003.

LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. São Paulo: Editora Autentica, 2004.

LOVEJOY, Paul E., A escravidão na África, uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

VERGER, Pierre, Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.